



CLARO ENIGMA

Carlos Drummond de Andrade

Fernanda Estácio

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)



- ▣ Nasceu em Itabira, MG;
- ▣ Descendente de uma família ligada às tradições dos povoadores, mineradores e fazendeiros de sua região;
- ▣ Formou-se em Farmácia;
- ▣ Em 1925, fundou *A Revista*, ponta-de-lança do Modernismo em Minas;
- ▣ Em 1934, mudou-se para o RJ, quando Gustavo Capanema assumiu o Ministério da Educação Pública;
- ▣ Dedicou-se ao Jornalismo e ingressou no funcionalismo público e à elaboração de suas poesias e crônicas.

Drummond – A fase *gauche* (*Alguma Poesia*)

POEMA DE SETE FACES

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é serio, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Gauche: sem-jeito, azarado

POEMA DE SETE FACES

Faces: rostos, lados, angulações (busca por um todo)

Quando nasci, um anjo **torto**
desses que vivem na **sombra**
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

Desajeitamento existencial tratado com ironia.
Poeta tímido, mineiro e torto indo encontrar o
mundo/ a vida. (torto x direito, sombra x
iluminado, *gauche* x retilíneo). Tímido
normalmente reduzido ao papel de observador.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

Observador paralisado e inativo x o mundo
erótico dos homens em ação. A calma e
idealização do *gauche* são atropeladas pelos
homens e mulheres que correm.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

Rapidez do mundo, excessivamente plural e
intenso, observado com a passagem do bonde.
Conflito entre a culpa (coração angustiado) e o
desejo (interesse dos olhos).

O homem **atrás** do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Homem aparentemente convencional,
sério, burguês, reservado. No entanto, atrás
do bigode, há o *gauche* (máscara).

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Fragilidade absoluta: o homem forte atrás do
bigode é, na verdade, fraco.
Aparência (autossuficiência, prestígio e
estabilidade)

X

Essência (insuficiência, vazio íntimo)

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Reintrodução do tema “espanto perante do
mundo”. A imensidão que não é
enquadrada: o formalismo e o
convencionalismo não são solução para a
vida, pois o sujeito é maior que o mundo.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

A responsabilidade pelos excessos é atribuída
à bebedeira e à emoção momentânea. Como
se a razão (homem atrás dos óculos) e a
emoção (*gauche*) não pudessem coexistir. Mas,
negando, afirma-se a existência do torto.

NO MEIO DO CAMINHO

Vida

Haver: presença fortuita no caminho
Ter: algo próprio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra

Repetição para fixar
na memória

no meio do caminho tinha uma pedra.

Obstáculo

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Erros, vícios e pecados

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história

João, Teresa, Raimundo, Maria , Joaquim e Lili são prenomes ou apelidos, o que denota intimidade, proximidade ou coloquialidade.

Todos os prenomes são sujeitos do verbo *amar* (todos amavam, menos Lili – sujeito do verbo na negativa).

Nenhum deles se casou, exceto Lili – que não amava.

Lili casa-se não com um “prenome”, mas com um “sobrenome”, representando a não-intimidade, o não-amor e o casamento.

Drummond – A fase social (*Sentimento do Mundo*)

SENTIMENTO DO MUNDO

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Impotência diante da realidade.

Cheio de pecados cotidianos, atos desonestos.

Incapacidade de livrar-se do passado.

O corpo aceita o amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Quando o eu lírico despertar, será tarde. O céu
estará acabado.

Também ele estará acabado.

O mundo estará acabado.

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

O despertar para a realidade.

Reconhecimento do alheamento e o pedido
de perdão.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer

Mesmo solitário, assume guardar
as recordações daqueles que
morreram e não tiveram seus
corpos encontrados.

esse amanhecer
mais noite que a noite.

Amanhecer desalentador: em vez da luz da
esperança traz a escuridão da noite.

TRISTEZA DO IMPÉRIO

Os **conselheiros** angustiados
ante o colo ebúrneo
das donzelas opulentas
que ao piano abemolavam
“bus-co a cam-pi-na se-re-na
pa-ra li-vre sus-pi-rar”,
esqueciam a guerra do Paraguai,
o enfado bolorento de São Cristóvão,
a dor cada vez mais forte dos negros
e sorvendo mecânicos
uma pitada de rapé,
sonhavam a futura libertação dos instintos
e ninhos de amor a serem instalados nos
arranha-céus de Copacabana, com **rádio e telefone automático**.

A falta de preocupação social e o individualismo aparecem no império, mas chegam ao tempo vivido pelo poeta.

MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Poeta do presente,
da realidade.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Solidariedade, união.

Recusa da alienação romântica e reafirmação do compromisso com os
homens, com o tempo e com a vida PRESENTES.

ELEGIA 1938

Poema lírico geralmente triste.

1938: 1º ano do Estado Novo; consolidação de uma política de valorização do trabalho; ano anterior à guerra.

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Trabalho produzido
sem satisfação,
proveito ou sentido.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Heróis
sublimaram as
necessidades mais
imediatas.
Defendem uma
ética na qual se
apoia o mundo do
trabalho.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Noite, dormir:
fuga
Despertar:
realidade.

Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Conversa sobre o
futuro, a literatura e o
telefone tiram o eu
lírico dos elementos
importantes da vida.
Fuga dos
acontecimentos.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

Conformismo,
desistência,
derrota.

NOTURNO À JANELA DO APARTAMENTO

Silencioso cubo de treva:
um salto, e seria a morte.
Mas é apenas, sob o vento,
a integração na noite.

No apartamento, há a solidão e a melancolia que induzem ao suicídio, MAS sugere-se a integração.

Nenhum pensamento de infância,
nem saudade nem vão propósito.
Somente a contemplação
de um mundo enorme e parado

Eu lírico em estado de contemplação. Momento em que o sujeito se depara consigo mesmo. Sem lembranças ou perspectivas.

A soma da vida é nula.
Mas a vida tem tal poder:
na escuridão absoluta,
como líquido, circula.

“A vida é nula”, MAS poderosa. Continua circulando.

Suicídio, riqueza, ciência...
A alma severa se interroga
e logo se cala. E não sabe
se é noite, mar ou distância.

Escolas possíveis para o eu lírico que se interroga, MAS logo se cala, freando o impulso autodestrutivo.

Triste farol da Ilha Rasa.

Farol representa as oscilações do sujeito = triste/imóvel. Afirma a vida ainda que haja paralisia.

Drummond – A fase do desencanto (*Claro enigma*)

Contexto Histórico

- Livro publicado em 1951, que marca a mudança da poesia social para a poesia desencantada;
- Momento da Guerra Fria (EUA x URSS);
- Em reação à perseguição ao Partido Comunista pelo governo Dutra, há uma radicalização do movimento;
- Controle ideológico do Partido Comunista, que propõe um modelo edificante de obra literária: temática operária, otimismo, crença em um futuro heroico e formas simples (realismo socialista);
- Perseguição e ataque aos dissidentes;

CLARO ENIGMA
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE



COMPANHIA DAS LETRAS



Contexto Histórico



- Drummond desencanta-se com a nova posição do Partido, que se orienta pela ditadura stalinista;
- O livro de 1951 apresenta uma reação contra a doutrina disseminada pelo Partido Comunista: há o pessimismo, os sentimentos individualistas e burgueses como o amor, o vínculo com o passado patriarcal familiar, homenagens a poetas execrados pelo Partido como Pessoa e Paul Valéry, as formas clássicas e o hermetismo da linguagem;
- A poesia de Drummond, a partir de *Claro enigma*, é orientada por uma fuga relativa, lugar de onde ele pode olhar a realidade sem participar diretamente dela;
- Sua posição descompromissada é fruto do desencanto com o Partido.

Claro enigma (1951)

Dedicatória

- Drummond dedica o livro a Américo Facó, poeta afeito aos clássicos, mas que aceitava as contribuições modernistas.;
- A forma, representada na dedicatória por Facó, não é, em Drummond, fruto da alienação, mas parte integrante da essência do livro;
- Sendo assim, a dedicatória configura-se como uma maneira de opor-se ao Partido Comunista e reiterar seu posicionamento.

Claro enigma (1951)

Epígrafe

“*Les événements m’ennuient.*” (Paul Valéry) – Os fatos me entediam.

- A epígrafe denota uma grande melancolia devido à perda do ideal revolucionário socialista. Ideal este que mudaria o futuro;
- A melancolia presente no livro aliada ao rigor estético é uma forma de colocar-se contra o realismo socialista, idealizado e alienante, disseminado pelo Partido Comunista;
- Drummond deixa a poesia participante para trás, entretanto não perde a consciência crítica.

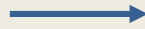
Entre Lobo e Cão

LOBO



Animal selvagem que pressente o perigo e a morte, cruel.

CÃO



Animal doméstico que é fiel, vigilante, inteligente e intui a morte. Aquisição da raiva provoca a perda da alegria.

Alusão aos versos de Sá de Miranda:

*Na meta do meio dia
andais entre Lobo e Cão.*



“no momento de maior claridade (o alto do meio-dia), estais na maior escuridão”. (Achcar)

Referência à escuridão das constelações do Lobo e do Cão.

Portanto, o eu lírico está entre duas ameaças: o Lobo e o Cão. Assim, “do pessimismo e da falta de perspectivas associada à escuridão do “céu negro” decorreria essa situação de impasse, condenando o eu lírico a “um imobilismo feito de inquietude [...],”” (Vagner Camilo)

DISSOLUÇÃO

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

E nem destaque minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se e
pousa no ar. Hesitando.

Eu lírico sem ânimo sequer para tatear uma lâmpada
que traga luz em meio à escuridão. Ela é aceita
imediatamente por ele.

* escuridão: desengano do eu lírico frente à realidade.

O eu lírico vê de braços cruzados (imobilidade) suas
esperanças esvaírem-se com a noite, enquanto aceita
que “brote uma outra ordem de seres e de coisas”
(Vagner Camilo)

Ele alimenta-se do vazio deixado pela perda daquilo que
amou. Povoações surgem do vazio e da imaginação e ele
não sabe se habita alguma (Essa fuga para outra
povoação é possível?)

A escuridão (melancolia/pessimismo) faz parte do
poeta. O fim aparece no ar, como que impossibilitando
a fuga, pois cobre as povoações. O fim aparece de
modo temeroso, hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destruída.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave.

O eu lírico está livre da opressão do dia, ainda que a
noite represente desengano e ameaça do fim. Só que a
paz (libertação) só é alcançada por meio de destruições.

A treva durará mil anos ou acabará com o amanhecer
(cor do galo)? A rosa das trevas, isto é, a poesia sem
ideal social é definitiva, ainda que pobre?

O eu lírico despreza a imaginação (fuga à realidade) e a
palavra, preferindo o silêncio, isto é, o isolamento. Sem o
poder da palavra e do ideal, há a anulação da alma, do
significado da vida, restando apenas a suavidade
insignificante do corpo.

REMISSÃO

Perdão, consolo de um sofrimento provocado pelo rumo que sua poesia tomou.

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

A memória, fonte de inspiração poética, serviu de alimento a leitores vulgares e foi transformada em algo frio, chamado de vida e seus pesares.

Mas, pesares de quê? perguntaria,
se esse travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,

Sendo assim, sua poesia foi transformada em elegia, ou seja, um canto de lamento e corre seca pelos ares.

e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,

Daquilo que se escreve, nada resta além do simples prazer da própria escrita.

enquanto o tempo, em suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo do teu ser?

Se antes o tempo e os acontecimentos eram interpretados, estão agora evaporando no fundo do ser.

Sua poesia torna-se o silêncio das palavras, que melancólicas e pessimistas, não traduzem mais questões sociais, moram só na existência interior do eu lírico.

INGAIA CIÊNCIA

A madureza, essa terrível prenda
que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,
todo sabor gratuito de oferta
sob a glacialidade de uma estela,

a madureza vê, posto que a venda
interrompa a surpresa da janela,
o círculo vazio, onde se estenda,
e que o mundo converte numa cela.

A madureza sabe o preço exato
dos amores, dos ócios, dos quebrantos,
e nada pode contra sua ciência

e nem contra si mesma. O agudo olfato,
o agudo olhar, a mão, livre de encantos,
se destroem no sonho da existência.

Gaia Ciência: conhecimento alegre, vivaz
In: negação

A madureza (conhecimento) e a experiência
adquiridas tiram o prazer gratuito dos
acontecimentos fortuitos (oferta) e
apresentam a sensação de desconforto.

A madureza vê, ainda que vendada, a
surpresa, o círculo vazio. No entanto,
converte tudo em uma cela, tira o sabor.

A madureza sabe a consequência da vida,
mas nada pode fazer contra sua ciência nem
contra si mesma.

O conhecimento é um presente com
consequências terríveis, pois priva do
significado real, torna tudo vazio, sem
encanto.

LEGADO

Que lembrança darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

Sentimento de dúvida devido à consciência
de seu papel social.

Não possui ilusões quanto a importância e
permanência do reconhecimento público.

O eu lírico mostra-se desenganado e
consciente da volubilidade do público.

Orfeu, que era capaz de tudo seduzir com
sua música, não mais faz isso. Salvou
argonautas, mas não tem mais crédito,
vaga entre o talvez e o se.

O eu lírico não deixará nada de bom
para a posteridade.

Só pode deixar ao mundo o impasse que herdou
do mundo. De toda a trajetória autônoma e
independente (passo caprichoso) restará o
obstáculo e o impasse, revestida na forma culta.

CONFISSÃO

Não amei bastante meu semelhante,
não catei o verme nem curei a sarna.
Só proferi algumas palavras,
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.
(Cego é talvez quem esconde os olhos
embaixo do catre.) E na meia-luz
tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem
e tudo que ele implica de suave,
de concordâncias vegetais, murmúrios
de riso, entrega, amor e piedade?

Não amei bastante sequer a mim mesmo,
contudo próximo. Não amei ninguém.
Salvo aquele pássaro – vinha azul e doido –
que se esfacelou na asa do avião.

Não amou o próximo como a si mesmo, foi
omisso diante do sofrimento alheio. Só disse
algumas palavras numa condição de
descompromisso (festa) tardiamente.

Não houve uma doação verdadeira do eu lírico
("Dei sem dar e beijei sem beijo"), vivendo de
aparências. Negou-se a ver e deixou tesouros
serem roubados.

Daquilo que sobrou desse ser revelado, como é
possível construir um homem e tudo o que ele
implica de suave, de concordâncias vegetais,
murmúrios de riso, entrega, amor e piedade?

Não amou absolutamente nada, exceto um
pássaro (ideal de liberdade distante) que
morreu na asa do avião.

MEMÓRIA

Amar o perdido
deixa confundo
este coração.

Amar o que perdemos (o que ou quem se foi) deixa o
coração confundo.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

Por mais que o tempo passe, não se pode esquecer o
que/ quem foi importante (O esquecimento nada pode
fazer contra o apelo do não: não-esquecer)

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

As coisas palpáveis, quando tocadas, perdem a
importância.

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

As coisas finitas (que perdemos), muito mais que
lindas, sempre permanecerão vivas.

A TELA CONTEMPLADA

Pintor da soledade nos vestíbulos
de mármore e losango, onde as colunas
se deploram silentes, sem que as pombas
venham trazer um pouco de seu ruflo;

traça [pintor] das finas torres consumidas
no vazio mais branco e na insolvência
de arquiteturas não arquitetadas,
porque a plástica é vã, se não comove,

ó criador [pintor] de mitos que sufocam,
desperdiçando a terra, e já recuam
para a noite, e no charco se constelam.

por teus condutos flui um sangue vago,
e nas tuas pupilas, sob o tédio,
é a vida um suspiro sem paixão.

Vocábulos raros (soledade, silente), linguagem rebuscada. Ambiente suntuoso, mas sem vida, nem pombas aparecem. Quadro parnasiano.

Destituída de vida e comoção, a arte acaba por consumir-se, por dissolver-se. Não possui qualquer valor.

Essa obra promove, mais uma vez, a escuridão interior.

A falta de paixão traduz-se em tédio. Desvaloriza a arte pela arte.

Soledade: solidão/ deploram: lastimam/ insolvência: inadimplência/ constelar: cobrir de estrela

CONTEMPLAÇÃO NO BANCO

I

O coração pulverizado range
sob o peso nervoso ou retardado ou tímido
que não deixa marca na alameda, mas deixa
essa estampa vaga no ar, e uma angústia em mim,
espiralante.

Contemplação no banco: “Vínculo entre
a reflexão e o lugar” (Vagner Camilo)

Coração, coberto de pó, sofrendo com
um peso que não deixa marca na
alameda, mas deixa algo no ar (um
sonho) e uma angústia no eu lírico.

Tantos pisam este chão que ele talvez
um dia se humanize. E malaxado [amolecido],
embebido da fluida substância de nossos segredos,
quem sabe a flor que ai se elabora, calcária, sanguínea?

O chão pisado talvez se humanize
e dele, já amolecido, nasça uma
“flor” (sonho) calcária e sanguínea.

Ah, não viver para contemplá-la! Contudo,
não é longo mentar uma flor, e permitido
correr por cima do estreito rio presente,
construir de bruma nosso arco-íris.

Ainda que não viva para contemplar a flor,
pode trazê-la à memória e é permitido correr
por cima do presente e construir um arco-íris
de bruma.

Nossos donos temporais ainda não devassaram
o claro estoque de manhãs
que cada um traz no sangue, no vento.

Não destruíram ainda o sonho (a manhã),
que está no sangue e no vento.

Passarei a vida entoando uma flor, pois não sei cantar
nem a guerra, nem o amor cruel, nem os ódios organizados,
e olho para os pés dos homens, e cismo.

Cantará o sonho futuro
(flor), pois não sabe mais
cantar o que movia sua
poesia social anterior.

Escultura de ar, minhas mãos
te modelam nua e abstrata
para o homem que não serei.

As mãos do eu lírico, com uma visão desencantada de
mundo, são capazes de modelar uma flor, isto é, um
sonho futuro proveniente de um chão estéril para o
homem que ele não será.

Ele talvez compreenda com todo o corpo,
para além da região minúscula do espírito,
a razão de ser, o ímpeto, a confusa
distribuição, em mim, de seda e péssimo.

Esse homem que ele não será talvez consiga
compreender a razão de ser, o ímpeto, a
distribuição de seda e péssimo existente nele.

II

Nalgum lugar faz-se esse homem...
Contra a vontade dos pais ele nasce,
contra a astúcia da medicina ele cresce,
e ama, contra a amargura da política.

Esse homem futuro é um ser autônomo: nasce
contra a vontade dos pais, cresce contra a astúcia da
medicina e ama contra a amargura política.

Não lhe convém o débil nome de filho,
pois só a nós mesmos podemos gerar,
e esse nega, sorrindo, a escura fonte.

Esse homem se autogera (gesta-se a si mesmo), por
isso não tem parentesco. Não pode ser filho.

Irmão lhe chamaria, mas irmão
por quê, se a vida nova
se nutre de outros saís, que não sabemos?

Ele é seu próprio irmão, no dia vasto,
na vasta integração das formas puras,
sublime arrolamento de contrários
enlaçados por fim.

Meu retrato futuro, como te amo,
e mineralmente te pressinto, e sinto
quanto estás longe de nosso vão desenho
e de nossas roucas onomatopeias...

III

Vejo-te nas ervas pisadas.
O jornal, que aí pausa, mente.

Descubro-te ausente nas esquinas
mais povoadas, e vejo-te incorpóreo,
contudo nítido, sobre o mar oceano.

Também não pode ser irmão, pois nutre-se de
outros saís.

Ele é seu próprio irmão, homem paradoxal,
mas com seus contrários integrados,
enlaçados.

Esse retrato futuro emancipado, diferente do
homem frustrado e pessimista do presente, é
amado e pressentido, no entanto encontra-se
ainda muito distante do desenho vão e do
som rouco.

Vê o retrato futuro nas ervas pisadas. A
realidade do jornal não reafirma a existência
do retrato futuro.

Apesar de ausente e incorpóreo, o retrato
futuro é nítido.

Chamar-te visão seria
malconhecer as visões
de que é cheio o mundo
e vazio.

O eu lírico se recusa a chamar o retrato futuro
de visão, pois significaria conhecer mal as
visões (paradoxais).

Quase posso tocar-te, como às coisas diluculares
que se moldam em nós, e a guarda não captura,
e vingam.

Quase pode tocar o retrato futuro, como
as coisas crepusculares, que nos tocam,
mas não é possível capturá-las, mas
existem e vingam.

Dissolvendo a cortina de palavras,
tua forma abrange a terra e se desata
à maneira do frio, da chuva, do calor e das lágrimas.

A forma do retrato futuro é
abrangente, mais do que qualquer
palavra possa definir e desata-se como
o frio, a chuva, o calor, as lágrimas.

Triste é não ter um verso maior que os literários,
é não compor um verso novo, desorbitado,
para envolver tua efígie[1] lunar, ó químera[2]
que sobes do chão batido e da relva pobre.

Lamenta não compor um verso grandioso,
capaz de exaltar a importância do retrato
futuro que nasce do “chão batido da relva
pobre”. O retrato futuro permanece
imaterial, abstrato, um sonho solitário, que
o eu lírico talvez nunca veja.

[1]: imagem/ [2]: ilusão, devaneio

SONHO DE UM SONHO

Sonhei que estava sonhando
e que no meu sonho havia
outro sonho esculpido.
Os três sonhos sobrepostos
dir-se-iam apenas elos
de uma infindável cadeia
de mitos organizados
em derredor de um pobre eu.
Eu que, mal de mim! sonhava.

Sonhava que no meu sonho
retinha uma zona lúcida
para concretar o fluido
como abstrair o maciço.
Sonhava que estava alerta,
e mais do que alerta, lúdico,
e receptivo, e magnético,
e em torno a mim se dispunham
possibilidades claras,
e, plástico, o ouro do tempo

O eu lírico lastima sua condição de sonhador,
frustrando-se ao notar que tudo foi um
sonho, apesar da leve consciência de que
sonhava.

O eu lírico demonstra a consciência de que
estava sonhando. Ele sai da realidade para
sonhar. No entanto, no sonho, sonha com a
realidade. Nesse momento, as imagens são
luminosas, embora o medo ainda exista.

vinha cingir-me e dourar-me
para todo o sempre, para
um sempre que ambicionava
mas de todo o ser temia...
Ai de mim! que mal sonhava.

Sonhei que os entes cativos
dessa livre disciplina
plenamente floresciam
permutando no universo
uma diletta substância
e um desejo apaziguado
de ser um ser com milhares,
pois o centro era eu de tudo
como era cada um dos raios
desfechados para longe,
alcançando além da terra
ignota região lunar,
na perturbadora rota
que antigos não palmilharam
mas ficou traçada em branco
nos mais velhos portulanos

O sonho é formado daquilo que é
comungado com o outro. É um sonho
cultivado por muitos e marcado por imagens
luminosas e positivas: limpidez, doçura,
pureza, calor e fraternidade. (3 estrofes)

e no pó dos marinheiros
afogados em mar alto.

Sonhei que meu sonho vinha
com a realidade mesma.

Sonhei que o sonho se forma
não do que desejaríamos
ou de quanto silenciámos
em meio a ervas crescidas,
mas do que vigia e fulge
em cada ardente palavra
proferida sem malícia,
aberta como uma flor
se entreabre: radiosamente.

Sonhei que o sonho existia
não dentro, fora de nós,
e era tocá-lo e colhê-lo,
e sem demora sorvê-lo,
gastá-lo sem vão receio
de que um dia se gastará.

Sonhei certo espelho límpido
com a propriedade mágica
de refletir o melhor,
sem azedume ou frieza
por tudo que fosse obscuro,
mas antes o iluminando,
mansamente convertendo
em fonte mesma de luz.
Obscuridade! Cansaço!
Oclusão de formas meigas!
Ó terra sobre diamantes!
Já vos libertais, sementes,
germinando à superfície
deste solo resgatado!

Sonhava, ai de mim, sonhando
que não sonhara... Mas via
na treva em frente a meu sonho,
nas paredes degradadas,
na fumaça, na impostura,
no riso mau, na inclemência,
na fúria contra os tranquilos,
na estreita clausura física,
no desamor à verdade,
na ausência de todo amor,
eu via, ai de mim, sentia
que o sonho era sonho, falso.

Opera-se uma mudança de cenário. Percebe-se o retorno do pessimismo, da falsidade, da mentira, da desilusão. É o fim da dimensão utópica (onírica) para o confronto com uma realidade dura.

CANTIGA DE ENGANAR

O mundo não vale o mundo,
meu bem,
Eu plantei um pé-de-sono,
brotaram vinte roseiras.
Se me cortei nelas todas
e se todas se tingiram
de um vago sangue jorrado
ao capricho dos espinhos,
não foi culpa de ninguém.
O mundo,
meu bem,
não vale

a pena, e a face serena
vale a face torturada.
Há muito aprendi a rir,
de quê, de mim? ou de nada?
O mundo, valer não vale.
Tal como sombra no vale,
a vida baixa...e se sobe
algum som desse declive,

O eu lírico plantou um pé-de-sono, mas
brotaram roseiras (beleza x espinho), que o
feriram. Ele não atribui a culpa a ninguém,
já que o mundo é incapaz de discernir o
bem do mal (face serena x face torturada) .

Desvalorização do mundo, que não vale a
pena. Diante desse mundo, o eu lírico
aprendeu a rir (escárnio).

não é grito de pastor
convocando seu rebanho.
Não é flauta, não é canto
de amoroso desencanto.
Não é suspiro de grilo,
voz noturna de nascentes,
não é mãe chamando filho,
não é silvo de serpentes
esquecidas de morder
como abstratas ao luar.
Não é choro de criança
para um homem se formar.
Tampouco a respiração
de soldados e enfermos,
de meninos internados
ou de freiras em clausura.
Não são grupos submergidos
nas geleiras do entressono
e que deixem desprender-se,
menos que simples palavra,
menos que folha no outono,
a partícula sonora

No mundo, concebido como vale das
sombras (referência bíblica), não existe o
som da vida, do amor, do lamento, da
morte, do nascimento ou do sofrimento.
Dele não surge absolutamente nada, é um
mundo infértil.

que a vida contém, e a morte
contém, o mero registro
de energia concentrada.

Não é nem isto nem nada.

É som que precede a música,
sobrante dos desencontros
e dos encontros fortuitos,
dos malencontros e das
miragens que se condensam
ou que se dissolvem noutras
absurdas figurações.

O mundo não tem sentido.

O mundo e suas canções
de timbre mais comovido
estão calados, e a fala
que de uma para outra sala
ouvimos em certo instante
é silêncio que faz eco
e que volta a ser silêncio
no negrume circundante.
Silêncio: que quer dizer?
Que diz a boca do mundo?

O som que precede tudo.

Não há, no vale de sombras em que se
transformou o mundo, qualquer indício de
som. Sobrou somente o silêncio imerso na
escuridão (negrume).

Meu bem, o mundo é fechado,
se não for antes vazio.
O mundo é talvez: e é só.
Talvez nem seja talvez.
O mundo não vale a pena,
mas a pena não existe.
Meu bem, façamos de conta
de sofrer e de olvidar,
de lembrar e de fruir,
do escolher nossas lembranças
e revertê-las, acaso
se lembrem demais em nós.
Façamos, meu bem, de conta
- mas a conta não existe -
que é tudo como se fosse,
ou que, se fora, não era.
Meu bem, usemos palavras.
Façamos mundos: ideias.
Deixemos o mundo aos outros,
já que o querem gastar.
Meu bem, sejamos fortíssimos
- mas a força não existe -

O mundo, além de imerso no silêncio e na escuridão, não possui sentido, é vazio e incerto. Não vale a pena, mas nem a pena existe.

O eu lírico, desenganado, rompe o silêncio para propor a entrega ao “faz de conta”.

Criação de uma nova ordem (mundo ideal) que abandone o mundo aos que querem gastá-lo.

e na mais pura mentira
do mundo que se desmente,
recortemos nossa imagem,
mais ilusória que tudo,
pois haverá maior falso
que imaginar-se alguém vivo,
como se um sonho pudesse
dar-nos o gosto do sonho?
Mas o sonho não existe.
Meu bem, assim acordados,
assim lúcidos, severos,
ou assim abandonados,
deixando-nos à deriva
levar na palma do tempo
- mas o tempo não existe -,
sejamos como se fôramos
num mundo que fosse: o Mundo.

O eu lírico completamente desenganado e desencantado.

Criação de um Mundo (letra maiúscula) ideal, norteador “para e pela verdade” (Vagner Camilo), denunciando tudo o que é falso, desmascarando-o.

OFICINA IRRITADA

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,
não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará, tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,
claro enigma, se deixa surpreender.

Violência e agressão na
composição e na relação com o
leitor, não deseja agradar.

A composição poética não será fácil, amena,
agradável para o leitor.

O poema não provocará prazer, terá um
“maligno ar imaturo”, será e não será.

O poema provocará sofrimento.

Ninguém se lembrará do poeta e de sua
poesia enquanto a lucidez, a consciência, claro
enigma se deixa surpreender.

*Arcturo: estrela mais brilhante da
constelação do Boieiro. Seu brilho é intenso,
pois é a última a se pôr no horizonte.

Notícias Amorosas

AMAR

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer?
amar e malamar
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz a praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Sujeito (criatura) condenado à
necessidade de amar = sujeição
amorosa

A criatura é substituída pelo ser
amoroso solitário, que segue a
maré (rotação universal). Deve-
se amar o que o mar traz,
sepulta, o que é sal, precisão ou
ânsia.

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amor inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este é o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa mesma falta de amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito e a sede infinita.

Destina seu amor a elementos
que sugerem a esterilidade
(palmas do deserto, amor
inóspito, adoração expectante,
áspero, vaso sem flor,...)

Amor como destino e não
escolha, distribuído a elementos
nulos, inúteis. Uma compulsão
amorosa.

Amar nossa falta de amor, e na
secura, amar a água implícita, o
beijo silencioso e a sede infinita.

RAPTO

Ganimedes é o primeiro título do poema. Zeus transformou-se em águia e o raptou, pois era o mais belo dos mortais. Trata-se de um amor homossexual.

Se uma águia fende os ares e arrebatava
esse que é forma pura e que é suspiro
de terrenas delícias combinadas;
e se essa forma pura, degradando-se,
mais perfeita se eleva, pois atinge
a tortura do embate, no arremate
de uma exaustão suavíssima, tributo
com que se paga o voo mais cortante;
se, por amor de uma ave, ei-la recusa
o pasto natural aberto aos homens,
e pela via hermética e defesa
vai demandando o cândido alimento
que a alma faminta implora até o extremo;
se esses raptos terríveis se repetem
já nos campos e já pelas noturnas
portas de pérola dúbia das boates;

Ao mesmo tempo que há a busca pela matéria (corpo), há a transcendência, já que, em nome do amor, o mortal Ganimedes eleva-se ao Olimpo.

Ganimedes, a forma pura, degradada por ser beleza carnal, eleva-se através do embate que gera a união com um deus por meio do gozo (exaustão suave), presente com que se paga o voo da águia.

Por amar uma ave, Ganimedes recusa o mundo dos homens e pela via obscura e defesa exige o alimento que sua alma faminta implora (amor). Portanto, é-lhe negado.

Esses mesmos raptos (arrebatamentos) ocorrem na atualidade/realidade e não só no plano mítico.

e se há no beijo estéril um soluço
esquivo e refolhado, cinza em núpcias,
e tudo é triste sob o céu flamante
(que o pecado cristão, ora jungido
ao mistério pagão, mais o alanceia),
baixemos nossos olhos ao desígnio
da natureza ambígua e reticente:
ela tece, dobrando-lhe o amargor,
outra forma de amar no acerbo amor.

Condição dolorosa e estéril dos amantes reais: no beijo, há o soluço e nas núpcias, a cinza e tudo é triste sob o céu avermelhado. Amantes reais não imploram, soluçam.

O pecado (culpa) unido ao mistério estimula ainda mais o pecado. Somos vítimas de um mistério incompreensível e incontrolável que nos condena (amor).

A natureza ambígua e reticente dá ao amor o amargor, gerando cansaço e sofrimento de uma fome infinita.

CAMPO DE FLORES

Deus me deu um amor no tempo de madureza,
quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.
Deus- ou foi talvez o Diabo- deu-me este amor maduro,
e a um e outro agradeço, pois que tenho um amor.

Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos
e outros acrescento aos que amor já criou.
Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.

Mas sou cada vez mais, eu que não me sabia
e cansado de mim julgava que era o mundo
um vácuo atormentado, um sistema de erros.
Amanhecem de novo as antigas manhãs
que não vivi jamais, pois jamais me sorriram.

O eu lírico ganha um amor (+)
num momento existencial sombrio (-). O amor (+) maduro (-), unido
pela oposição, sucumbe à luz do
amor (+) e ele agradece a doação.

O eu lírico incorpora-se aos mitos
amorosos como se alguma parcela
de si ainda estivesse distante,
marcada pela penumbra e o “sou e
não sou”, mas acaba afirmando a
luz.

Deixa-se invadir pela luminosidade e
reconhece a visão negativa de si e do
mundo. Descreve o mundo através de
uma existência sombria anterior,
mostrando o que não pôde ter, deixando
de se concentrar no que adquiriu.

Mas me sorriam sempre atrás de tua sombra
imensa e contraída como letra no muro
e só hoje presente.

Deus me deu um amor porque o mereci.
De tantos que já tive ou tiveram em mim,
o sumo se espremeu para fazer vinho
ou foi sangue, talvez, que se armou em coágulo.

E o tempo que levou uma rosa indecisa
a tirar sua cor dessas chamas extintas
era o tempo mais justo. Era tempo de terra.
Onde não há jardim, as flores nascem de um
secreto investimento em formas improváveis.

Hoje tenho um amor e me faço espaçoso
para arrecadar as alfaías de muitos
amantes desgovernados, no mundo, ou triunfantes,
e ao vê-los amorosos e transidos em torno,
o sagrado terror converto em jubilação.

A sombra (realidade) já trazia a
luminosidade revelada só agora como
escrita que registra, mas só adquire
significado posteriormente. Mas enfim
o eu lírico mereceu ganhar um amor,
depois dos sacrifícios de outrora que o
prepararam para o amor de agora.

A rosa adquire sua cor das chamas
extintas, que geram a visão do campo
de flores. Mesmo sem jardim, elas
nascem em formas improváveis.

Agraciado com o amor, o amante se
comunica com os demais amantes,
convertendo o terror que lhe causava
o sentimento amoroso em júbilo.

Seu grão de angústia amor já me oferece
na mão esquerda. Enquanto a outra acaricia
os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura
e o mistério que além faz os seres preciosos
à visão extasiada.

Mas, porque me tocou um amor crepuscular,
há que amar diferente. De uma grave paciência
ladrilhar minhas mãos. E talvez a ironia
tenha dilacerado a melhor doação.

Há que amar e calar.

Para fora do tempo arrasto meus despojos
e estou vivo na luz que baixa e me confunde.

Enquanto a mão esquerda está
angustiada e retraída, a mão direita vai
em direção ao contato, isto é, à presença
do ser precioso (amante) diante da visão
extasiada do amante.

A maturidade impõe-se (crepuscular),
mas não é capaz de vencer o amor, no
entanto obriga o eu lírico a calar-se. O
amante caminha para a luz, ainda que
desfalcado pela passagem do tempo e,
consequentemente, pelo caminho para a
morte. No entanto, supera sua
existência sombria por meio do êxtase
amoroso.

Selo de Minas

EVOCAÇÃO DE MARIANA

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.

Simplicidade da igreja

Havia poucas flores. Eram flores de horta.

Sob a luz fraca, na sombra esculpida

(quais as imagens e quais os fiéis?)

ficávamos.

“Ficávamos” – 1ª pessoa do plural (família)

Do padre cansado o murmúrio de reza

subia às tábuas do forro,

batia no púlpito seco,

entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,

perdia-se.

A reza invadindo os espaços

Não, não se perdia...

Desatava-se do coro a música deliciosa

(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da

[morte, nas campinas do ar])

e dessa música surgiam meninas – a alvura mesma –

cantando.

Encantamento provocado pela música.

De seu peso terrestre a nave libertada,
como do tempo atroz imunes nossas almas,
flutuávamos
no canto matinal, sobre a treva do vale.

O murmúrio de reza que liberta a nave
de seu peso terrestre.

MORTE DAS CASAS DE OURO PRETO

Sobre o tempo, sobre a taipa,
a chuva escorre. As paredes
que viram morrer os homens,
que viram fugir o ouro,
que viram finar-se o reino,
que viram, reviram, viram,
já não veem. Também morrem.

Casas transformando-se em ruínas (morrendo).

Assim plantadas no outeiro,
menos rudes que orgulhosas
na sua pobreza branca,
azul e rosa e zarcão,
ai, pareciam eternas!
Não eram. E cai a chuva
sobre rótula e portão.

Descrição das casas que pareciam eternas, mas não estão sobrevivendo à ação da natureza (chuvas).

Vai-se a rótula crivando
como a renda consumida
de um vestido funerário.

A chuva escorre sobre o tempo e a história (o que as casas simbolizam).

E ruindo se vai a porta.
Só a chuva monorrítmica
sobre a noite, sobre a história
goteja. Morrem as casas.

Morrem, severas. É tempo
de fatigar-se a matéria
por muito servir ao homem,
e de o barro dissolver-se.
Nem parecia, na serra,
que as coisas sempre cambiam
de si, em si. Hoje vão-se.

O chão começa a chamar
as formas estruturadas
faz tanto tempo. Convoca-as
a serem terra outra vez.
Que se incorporem as árvores
hoje vigas! Volte o pó
a ser pó pelas estradas!

As casas, frutos da ação do homem, não resistem à ação da natureza. Tudo torna-se transitório, até mesmo o tempo e a história.

As casas obedecem à lei natural, caminhando para o fim: “do pó viestes e ao pó retornarás”.

A chuva desce, às canadas.
Como chove, como pinga
no país das lembranças!
Como bate, como fere,
como traspassa a medula,
como punge, como lanha
o fino dardo da chuva

mineira, sobre as colinas!
Minhas casas fustigadas,
minhas paredes zurzidas,
minhas esteiras de forro,
meus cachorros de beiral,
meus paços de telha-vã
estão úmidos e humildes.

Lá vão, enxurrada abaixo
as velhas casas honradas
em que se amou e pariu,
em que se guardou moeda
e no frio se bebeu.

Vão no vento, na calça,
no morcego, vão na geada,

A chuva, somada à ação do tempo,
acaba com as casas. A cidade que
desafiava a ação do tempo e do
esquecimento está se acabando com a
chuva.

enquanto se espalham outras
em polvorentas partículas,
sem as vermos fenecer.

Ai, como morrem as casas!
Como se deixam morrer!
E descascadas e secas,
ei-las sumindo-se no ar.

Sobre a cidade concentro
o olhar experimentado,
esse agudo olhar afiado
de quem é douto no assunto.
(Quantos perdi me ensinaram.)
Vejo a coisa pegajosa,
vai circunvoando na calma.

Não basta ver morte de homem
para conhecê-la bem.
Mil outras brotam em nós,
à nossa roda, no chão.
A morte baixou dos ermos,
gavião molhado. Seu bico
vai lavrando o paredão

Olhar do eu lírico, experiente no assunto
“morte”, sobre a cidade sujeita à ação da
natureza.

A experiência de morte parte do eu lírico,
própria do sujeito melancólico anunciado no
início do livro, e se estende à cidade de Ouro
Preto. A destruição está no alhar do eu lírico.

e dissolvendo a cidade.
Sobre a ponte, sobre a pedra,
sobre a cambraia de Nize,
uma colcha de neblina
(já não é a chuva forte)
me conta por que mistério
o amor se banha na morte.

Uma colcha de neblina sobre a ponte, sobre
a pedra, sobre a cambraia de Nize (musa do
árcade Glauceste Satúrnio), tudo o que
representa os vestígios de Ouro Preto.
O amor banha-se na morte (destruição).

A destruição das casas de Ouro Preto é fruto da imaginação do
poeta, justificada pelas chuvas intensas que ameaçavam acabar com
as casas.

A máquina do mundo

A MÁQUINA DO MUNDO

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circumspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

Caminhante solitário e desenganado no meio do caminho. As imagens simbólicas “sino rouco”, “céu de chumbo”, “formas pretas” correspondem à escuridão interior do poeta.

Os advérbios e o subjuntivo conferem imutabilidade do destino, do espaço, dos elementos que cercam o sujeito e do tempo.

A máquina encontra no desengano/desistência do poeta o motivo para aparecer.

A máquina abre-se completamente majestosa, circumspecta e calma, atributos opostos aos do sujeito. Ela conhece tudo, inclusive as características sombrias e melancólicas do seu interlocutor.

pelas pupilas gastas na inspeção [exame]
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada [delineada]
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte [tropa],
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,

Convida o sujeito para desvendar os mistérios do Mundo, apegando-se às características restantes que ainda estão ligadas à busca.

Revelação absoluta para a consciência do sujeito (vem sem voz e é um clarão), mas o eu lírico se dá conta de sua derrota (périplo – viagem que não leva a lugar nenhum/circular).

Negatividade do sujeito (noturno/ miserável)

X

Possibilidade do novo (formidável sobre a
Montanha)

a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:

"O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexos primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo."

As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge

A máquina aponta toda carência do sujeito, o
objeto da busca cansativa de um ser restrito.

A máquina convida o sujeito para desvendar
tudo, pois é chegado o momento. Mas, para
isso, ele precisa abrir-se de modo irrestrito,
pois sem isso o conhecimento não será
adquirido. (Querer)

Enumeração dos elementos inéditos da
natureza para os seres humanos.

distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar,
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade:

e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.

São oferecidos os pensamentos, as paixões, os reinos naturais (animal, plantas e minérios), os enigmas e os mitos, que aparecem em forma circular (“dá volta ao mundo e torna a se engolfar [mergulhar]/ na estranha ordem geométrica de tudo”

Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima — esse anelo [desejo]
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

Retomada da estrutura “E como” e do tom iniciais, reafirmando o pessimismo do sujeito. Sua existência negativa não permite a aceitação do convite segundo a cláusula “abre teu peito para agasalhá-lo”

Sujeito sem fé, esperança, desejo de conhecer, o ser atual é triste e descrente e a oferta chegou tarde. Em todas as razões para a recusa, há a ação do tempo, que foi amargurando o sujeito devido às experiências negativas.







baixei os olhos, incurioso, lasso [cansado],
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

O sujeito baixa os olhos recusando o alto da
Montanha, onde se encontra a máquina.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,
se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.

O sujeito volta para seu caminho pedregoso
de Minas e segue sem, necessariamente, ter
um ponto de chegada e avalia a perda.
Talvez a verdade venha do seu interior e não
de uma iluminação (consciência) externa.

Referência à Máquina do Mundo do livro “Os Lusíadas”, de Camões, e ao caminhante solitário do livro “Divina Comédia”, de Dante Alighieri, que passa pelos reinos cristãos rumo a uma visão.

-  O encontro no meio do caminho
-  Abertura da Máquina do Mundo e anúncio de sua fala
-  O discurso do Mundo
-  A epifania do Universo
-  A recusa do eu
-  Fechamento do Mundo e volta à condição de caminhante

Alfredo Bosi